

O capitalismo clientelista

O capitalismo clientelista ou capitalismo de compadrio é um termo que descreve uma economia em que o sucesso nos negócios depende das relações estreitas entre empresários e o governo. O compadrio pode ocorrer através do favoritismo nas licitações, concessões, empréstimos, subsídios do governo, isenções fiscais ou outras formas de intervencionismo estatal.

Basta acessarmos as notícias no Brasil para encontrarmos vários casos de capitalismo clientelista, principalmente envolvendo obras do governo e construtoras. Recentemente, a operação lava jato expôs várias situações em que houveram privilégios para empresários em obras e ações do governo. Há uma tendência em ocorrer uma troca de favores, em que empresários financiam obras ou campanhas políticas enquanto agentes do governo favorecem os empresários em ações ou obras do governo.

O Brasil não é o único “privilegiado” sobre o capitalismo de compadrio. O texto cita alguns países que também sofrem do mesmo mal. Confesso que não sei se existe alguma solução para resolver esse problema, porém o auto sugere quatro itens para que os governantes possam combater essa falha do capitalismo.

- 1) Cuidar de recursos publicos que são direcionados para o setor privado;
- 2) Controlar os bancos do Estado;
- 3) Dificultar o acumulo de caixa de compadrio no exterior;
- 4) Estar preparado para o favoritismo/nepotismo.

O conceito de “rent-seeking” (caça à renda, em uma tradução literal) pode ser observado em políticas de governo, tais como os motivos para haver proteção tarifária a alguns produtos fabricados no país, a concessão de crédito subsidiado a algumas empresas, a regulamentação de algumas profissões ou a existência de meia-entrada para estudantes em eventos culturais.

As pessoas “buscam renda” quando tentam obter benefícios para elas mesmas através da arena política. Eles tipicamente fazem isso obtendo um subsídio para um bem que produzem ou por serem parte de uma classe particular de pessoas, obtendo um imposto alfandegário em um bem que elas produzem, ou através da criação de

regulações que dificultam a vida dos competidores ou até mesmo impede a existência deles. Idosos, por exemplo, às vezes fazem lobby para que mais dinheiro seja destinado a seguridade social. Produtores de aço, algumas vezes, buscam restrições em importações de aço e eletricistas e médicos licenciados muitas vezes fazem lobby para manter regulações que restringem a competição por parte de médicos e eletricistas que não tem licença.

De fato, há uma relação entre as ações de busca de “rent-seeking” e o capitalismo clientelista, principalmente por envolverem ações que beneficiam terceiros. Diante disso, o governo deve se precaver para evitar que ações nesse sentido ocorram. O autor comenta que há esperança nesse cenário e cita razões para sermos otimistas.

- 1) As regras estão sendo ignoradas com menor frequência;
- 2) Mudança nos incentivos financeiros;
- 3) Mudança na motivação política.

Economia a custo marginal zero

O terceiro milênio nos presenteou com uma grande mudança, a quarta revolução industrial. Uma revolução que faz parecer com que o passado tenha ocorrido em super câmera lenta e que iremos alcançar o longo prazo em um piscar de olhos. Coisas que eram inconcebíveis se tornaram realidade, mostrando que filmes de ficção científica podem não estar tão distante do nosso dia-a-dia quanto imaginávamos. E tudo isso através das inovações tecnológicas, que antes eram privilégio e hoje são essenciais. Dentre as tecnologias mais disruptivas tecerei comentários sobre três, a impressora 3D, o blockchain e o bitcoin.

Impressora 3D revolucionou o processo de manufatura, possibilitando a criação e produção de objetos 3D que antes eram inconcebíveis e o melhor, podendo ser mais rápido, mais fácil e mais barato. A criatividade e a imaginação são fatores chaves no processo de criação dos objetos. Para se ter uma ideia, já foram produzidos órgãos do ser humano, casas e até mesmo ... Os benefícios dessa tecnologia são

incalculáveis porém, ela pode causar impactos irreversíveis nas indústrias uma vez que o custo marginal pode tender a zero.

O blockchain é uma maneira confiável de estabelecer trocas de bens de valor entre os elementos de uma rede, sem a necessidade de um mediador e através de um banco de dados distribuído e sincronizado mantendo a privacidade e alto nível de encriptação das informações. As formas de aplicação desse conceito ainda estão sendo descobertas, porém destaco o interesse em utilizar o blockchain na distribuição de energia elétrica, na indústria automobilística e até mesmo na indústria de direitos autorais musicais. As oportunidades estão à mesa.

O bitcoin é um ótimo exemplo de uma aplicação do conceito de blockchain, que é uma criptomoeda independente de qualquer de qualquer autoridade central que utiliza banco de dados distribuídos e criptografia nas transações de moeda. A forma com o bitcoin foi concebido torna inviável que qualquer autoridade financeira ou governamental manipule a emissão e o valor de bitcoins, induza a inflação e efetue cobranças de custo de transação. Isso pode representar a incapacidade dos Estados-Nação em controlar a economia do século XXI.

De fato, os fatores tecnológicos são fundamentais para a evolução da sociedade, porém existe um fator essencial para que o ecossistema tenha sucesso, a colaboração. Muitas organizações entendem que o fator colaboração é primordial no ambiente interno mas, hoje, a necessidade de colaboração ultrapassa os limites internos e passa a ser entre as companhias, ou seja, há uma tendência em se estabelecer uma economia cooperativa e não competitiva. Os benefícios são reais e muitas empresas já estão fazendo uso fruto desse modelo em seus negócios.

A quarta revolução industrial está chacoalhando modelos, métodos e teorias, trazendo novos dilemas e se adaptando a um ambiente cada vez mais digital. Resta saber qual o melhor caminho a ser traçado e torcer para que seja o mais correto.